**2ª TESTEMUNHA**

**1.** Irmã **Benvinda de Perusa**, monja do mosteiro de São Damião, disse sob juramento que: dona Clara, outrora abadessa do referido mosteiro de São Damião, foi de maravilhosa humildade, e tinha tão grande desprezo de si, que fazia ela mesma as obras mais vis. Assim, limpava as cadeiras das Irmãs enfermas com suas próprias mãos. Interrogada sobre como sabia dessas coisas, respondeu que entrou na Religião no mesmo ano que ela, mas ela entrou na segunda-feira santa e a testemunha entrou depois, no mês de setembro.

**2.** Interrogada sobre a idade de Santa Clara quando entrou na Religião, respondeu que era da idade de dezoito anos ou por aí, conforme se dizia; e era tida como virgem no ânimo e no corpo, e era tida em muita veneração por todos quantos a conheciam, mesmo antes de entrar na Religião. E isso era pela sua muita honestidade, benignidade e humildade. Interrogada sobre como sabia dessas coisas, respondeu que tinha tido informação sobre ela antes de entrar na Religião, e que esteve com ela na mesma casa. E desde que entrou na religião esteve com ela até sua morte, isto é, quase por quarenta e dois anos, exceto o predito tempo, isto é, de segunda-feira santa até setembro.

**O COMPORTAMENTO DE SANTA CLARA NO MOSTEIRO**
**3.** E a testemunha disse que, desde que a madre Santa Clara entrou na religião, foi de tanta humildade que lavava os pés das Irmãs. E que uma vez, lavando os pés de uma serviçal, inclinou-se, querendo beijar-lhe os pés. E a serviçal, puxando o pé, bateu desajeitadamente com ele na boca da bem-aventurada madre. Além disso, a bem-aventurada Clara derramava água nas mãos das Irmãs, e de noite cobria-as por causa do frio.

**4.** Também era de tanta aspereza no seu corpo que se contentava com uma só túnica de pano rude e um manto. E se alguma vez via alguma túnica das Irmãs que era mais vil do que a que ela estava usando, tomava-a para si e dava à Irmã a sua melhor.

**5.** A testemunha também disse que a bem-aventurada Clara uma vez mandou fazer uma certa veste de couro de porco e a usava com os pelos e pelugens cortadas junto da carne; e a levava escondida embaixo da túnica de pano rude. Semelhantemente, uma outra vez mandou fazer mais uma roupa de pelos de cauda de cavalo e, fazendo com elas umas cordinhas, apertava-as junto ao seu corpo. Afligia desse modo a sua carne virginal com esses cilícios. E disse que ainda havia uma dessas vestes no mosteiro.

**6.** Também disse que, embora usasse cilícios e vestidos tão ásperos para ela mesma, era muito misericordiosa com as Irmãs que não podiam suportar tal aspereza, e de boa vontade lhes dava consolação.

**7.** Interrogada sobre como sabia dessas roupas, respondeu que as tinha visto, pois ela as emprestava algumas vezes a certas Irmãs. Não se lembrava de ter visto o cilício de couro: ouviu falar dele por uma sua irmã de sangue, que disse que o tinha visto. Mas que ela o usava, como se dizia, muito escondidamente, para não ser repreendida pelas Irmãs. Mas depois que a senhora ficou doente, as Irmãs lhe tiraram essas roupas tão ásperas.

**8.** Também disse que a sobredita madre bem-aventurada Clara, antes de ficar doente, fazia tantas abstinências que na quaresma maior e na de São Martinho sempre jejuava a pão e água, exceto nos domingos, quando tomava um pouco de vinho, se havia. E três dias por semana: na segunda-feira, quarta e sexta, não comia coisa alguma, até que São Francisco lhe mandou que, de qualquer jeito, comesse todos os dias um pouco; então, para obedecer, tomava um pouco de pão com água. Interrogada sobre como sabia disso, disse que o tinha visto e estava presente quando São Francisco lhe deu essa ordem.

**9.** A testemunha também disse que a predita madre Santa Clara era muito assídua na oração de dia e de noite; e lá pela meia-noite ela acordava as Irmãs em silêncio, com certos sinais, para louvar a Deus. Ela acendia as lâmpadas na igreja e muitas vezes tocava o sino nas Matinas. E chamava com seus sinais as Irmãs que não se levantavam com o toque do sino.

**10.** Também disse que o seu assunto era sempre de coisas de Deus, e não queria falar de coisas seculares, nem queria que as Irmãs os lembrassem. E se alguma vez acontecia de alguma pessoa mundana ter feito alguma coisa contra Deus, ela maravilhosamente chorava e exortava a pessoa, e lhe pedia solicitamente que voltasse à penitência. Interrogada sobre como sabia dessas coisas, respondeu: “Pois estava junto e via essas coisas”.

**11.** E disse que dona Clara se confessava muitas vezes, e com grande devoção e tremor recebia frequentemente o santo sacramento do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, tanto que, quando o recebia, ficava toda trêmula.

**12.** Dos corporais feitos com o que fiava, disse o mesmo que tinha sido dito por Irmã Pacífica, testemunha já ouvida. Mas acrescentou que ela mandou fazer bolsas de cartão para guardá-los, e as fez forrar de seda, e mandou benzê-las pelo Bispo.

**COMO LIBERTOU UMA IRMÃ QUE TINHA PERDIDO A VOZ**
**13.** Também disse que, tendo a testemunha perdido a voz, tanto que mal podia falar baixo, na noite da Assunção da Virgem Maria teve uma visão em que a referida dona Clara, fazendo-lhe com sua mão um sinal da cruz, a libertava. E assim foi feito: naquele mesmo dia ficou livre, logo que recebeu o sinal da cruz. E disse que essa enfermidade tinha durado quase dois anos. Interrogada sobre quanto tempo fazia que a Irmã tinha sido libertada, respondeu que não se lembrava. Interrogada sobre quem estava presente, respondeu que a citada Irmã Pacífica, que testemunhou acima, e algumas outras Irmãs, que já eram falecidas.

**14.** Também sobre o vaso de óleo disse o mesmo que Irmã Pacífica tinha dito, exceto que não se lembrava se Santa Clara lavou ela mesma o vaso ou mandou alguém lavar.

**COMO LIBERTOU UM FRADE DE INSÂNIA**
**15.** A referida testemunha também disse que, tendo ficado doente de insânia um certo frade da Ordem dos frades menores, que se chamava Frei Estêvão, São Francisco mandou-o ao mosteiro de São Damião, para que Santa Clara fizesse sobre ele o sinal da cruz. Quando o fez, o frade dormiu um pouco no lugar onde a santa madre costumava rezar; depois, quando acordou, comeu um pouco e foi embora curado. Interrogada sobre quem esteve presente a isso, respondeu que foram as Irmãs do mosteiro, das quais algumas estavam vivas e outras tinham falecido. Interrogada se conhecia antes aquele frade, e quantos dias antes o tinha visto enfermo, e quanto tempo depois foi visto são, e sobre o lugar de onde era nativo, respondeu sobre todas essas coisas que não sabia, porque estava reclusa, e aquele Frei Estêvão, depois que foi curado, foi embora seguindo o seu caminho.

**A LIBERTAÇÃO DA CHAGA DAS FÍSTULAS**
**16.** Disse também a testemunha que uma Irmã do referido mosteiro, chamada Irmã Benvinda de dona Diambra, estava gravemente enferma e sofria grande dor por causa de uma chaga que tinha embaixo do braço. E sabendo disso a piedosa madre Santa Clara, tendo grande compaixão, pôs-se a rezar por ela. E depois, fazendo sobre ela o sinal da cruz, foi imediatamente curada. Interrogada sobre como sabia disso, respondeu que viu primeiro a chaga e depois a viu curada. Interrogada se estava presente quando ela fez o sinal da cruz, disse que não, mas ouviu que tinha sido assim e que ela o tinha feito. Interrogada sobre quando foi isso, disse que não se lembrava do dia nem do mês, nem quantos dias antes, nem quantos depois. Mas que a viu curada e livre logo depois daquele dia em que se dizia que Santa Clara lhe tinha feito o sinal da cruz.

**17.** A testemunha também disse que naquele lugar, onde dona Clara costumava entrar para a oração, ela viu por cima um grande esplendor, tanto que pensou que fosse chama de fogo material. Interrogada sobre quem o viu além dela, respondeu que nessa ocasião só ela o viu. Interrogada sobre quanto tempo antes tinha sido isso, respondeu que foi antes que a dita senhora ficasse doente.

**COMO UM MENINO FOI LIBERTADO DE UMA PEDRA**
**18.** Também disse que um menino da cidade de Espoleto, chamado Mateuzinho, de três ou quatro anos de idade, meteu uma pedrinha pequenina em uma das narinas, de forma que não dava para tirá-la de modo algum; e o menino parecia estar em perigo. Levado a Santa Clara, ela fez sobre ele o sinal da cruz e a pedra lhe caiu na mesma hora do nariz, e o menino ficou curado. Interrogada sobre quem estava presente, respondeu que foram várias Irmãs, que agora já morreram. Interrogada sobre quanto tempo fazia, respondeu que não se lembrava, pois não estava presente quando a santa madre lhe fez o sinal da cruz. Mas afirmava que o sabia por ter ouvido as outras Irmãs contarem, e que viu o menino curado no mesmo dia, ou no dia seguinte ao da cura.

**19.** Também disse que não achava que ela, nem nenhuma das Irmãs podia contar plenamente a santidade e a grandeza da vida de dona Clara, de santa memória, a não ser que tivesse o Espírito Santo que a fizesse falar. A qual, mesmo quando estava gravemente doente, nunca quis deixar suas orações costumeiras.

**COMO O MOSTEIRO FOI LIBERTADO DOS SARRACENOS PELAS ORAÇÕES DE SANTA CLARA**
**20.** Também disse que, uma ocasião, no tempo da guerra de Assis, tendo alguns sarracenos subido ao muro e saltado na parte de dentro do claustro de São Damião, a referida santa madre dona Clara, que estava então gravemente enferma, levantou-se da cama e mandou chamar as Irmãs, confortando-as para que não tivessem medo. E tendo feito uma oração, o Senhor libertou o mosteiro e as Irmãs dos inimigos. E os sarracenos que já tinham entrado foram embora.

**21.** Também disse que, pelas virtudes e graças que Deus tinha posto nela, todos os que a conheciam a tinham como santa.

**22.** Também disse que ela teve um amor tão especial pela pobreza, que nem o papa Gregório nem o bispo de Óstia puderam jamais fazer com que ela ficasse contente de receber alguma posse. Antes, a bem-aventurada Clara fez vender sua herança e dá-la aos pobres. Interrogada sobre como sabia dessas coisas, respondeu que estava presente e ouviu quando lhe foi dito pelo referido senhor Papa que quisesse receber as posses; o qual papa veio pessoalmente ao mosteiro de São Damião.

**23.** Ancho disse che la predicta Matre sancta Chiara cognobbe per spirito che una de le Sore suoi, chiamata sora Andrea, havendo certe scrofole nella gola, una nocte con le proprie mane se strense la gola, in modo che perdecte la parola; unde epsa subito mandò una Sora a llei, ad ciò che li desse succurso et adiutorio.